

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

DISCIPLINA: JED 1401 - "PROJETOS EXPERIMENTAIS"

ALUNO : MÁRCIO DISON - 7918326 - 3

A PESCA ARTESANAL NA ILHA DE SANTA CATARINA

INGLESES E BARRA DA LAGOA

82/2

"FORA D'ÁGUA NÃO EXISTO. MEU ESTUDO É O MAR"

(Seu Dirço)

PROFESSOR ORIENTADOR(com Louvor)

AYRTON KANITZ

Pescador artesanal é um trabalhador como outro qualquer? Não. Os insumos da pesca são baratos e acessíveis aos pescadores? Não, são "supérfluos". Eles são trabalhadores organizados em torno de suas entidades? Não, sequer participam ativamente do sindicato. Os "atravessadores" são um mal necessário, como os pescadores admitem? Não, simplesmente exploram um trabalhador desorganizado; nem o pequeno e, muito menos, o grande, auxiliam os pescadores. Esta é uma pequena parcela dos problemas que os operários da pesca enfrentam.

Os pescadores artesanais são, na Ilha de Santa Catarina, como na maioria das colônias de descendentes de açorianos, pessoas simples e amistosas. Estabelecer contato com eles é a coisa mais fácil do mundo. Talvez porque eles saibam o que é ter dificuldades. Com eles, pode-se pescar arrastões, jogar dominó, tomar aguardente de zimbro, ouvir anedotas e "causos".

Ouvindo-os, se percebe que estão sendo vítimas de um fenômeno de aculturação, perdendo suas características de vida originais. Assistem telenovelas e filmes de "bang bang". Apesar de serem pessoas humildes, têm todos os eletrodomésticos divulgados pela sociedade de consumo. Em 1969, chegava-se a Barra da Lagoa somente com o uso de uma barca. Hoje, a Aldeia Global já estendeu suas redes até lá - e é difícil fugir à tentação de utilizar a palavra tentáculos.

Num ano como o de 1982, esses operários do mar funcionam como cabos eleitorais do PDS. O fato pode surpreender qualquer trabalhador brasileiro organizado. Os pescadores da Barra e dos Ingleses, como tantos outros, sentem a realidade na pele, direta, imediata, pão-pão, queijo-queijo. O slogan "a melhor idéia ainda é o trabalho" atingiu o âmago da questão, acertou em cheio o peito desses homens que, enfim, não fizeram nada mais na vida que não fosse trabalhar. E quem foi que, dezenas de anos depois, abriu o canal trazendo mais peixe à Barra, mais vida, mais esperança? Amin, o candidato do PDS ao Governo do Estado. É assim, simples, a realidade.

Obviamente, os esquecidos pescadores da Barra da Lagoa não enxergam mais longe, o horizonte deles é o peixe na rede. Não há programa partidário nem ideologia mais convincente do que um pouco de trabalho dos governantes - como se essa não fosse sua obrigação primeira. Na realidade, lhes falta é organização e compreendimento político da realidade: uma ação a longo prazo.

#### MAIOR COLÔNIA DO BRASIL

A Colônia de Pescadores Z-11 é a maior do Brasil. Conta com mais de sete mil filiados, entre os em atividade e os aposentados. Esse total diz respeito aos pescadores existentes na Ilha de Santa Catarina e na parte continental defronte a ela, ou seja, metade do município de Governador Celso Ramos, um pequeno trecho de Palhoça

e as cidades de Biguaçu e São José. Cinco mil trabalhadores da pesca estão em plena atividade.

É muito difícil saber quantos, do total de cinco mil, estão "embarcados" em empresas pesqueiras, uma vez que a mão-de-obra é oscilante. No período de verão, por exemplo, poucos trabalham nas empresas, exceção feita aos que atuam na captura de atum ou nos barcos de arrastão - que são muito poucos. Corre a época do "defeso" da sardinha - quando é proibida a pesca deste animal porque ele está em reprodução. Neste período, todos os operários da pesca tornam-se artesanais.

Há sérios problemas com a atividade, que levam a afirmar que ela está entrando num processo de extinção. Nildo Severino, presidente da Colônia Z-11, se nega a admitir o fato. Para ele, deve haver otimismo, pois o pescador é uma "pessoa conscientizada". O contato com eles prova o contrário:

- Nós sabemos que tudo isso que nos acontece, a falta de apoio do Governo, mesmo depois da construção do molhe, os "tubarão" querendo sempre nos enganar, pode um dia acabar. Com o molhe, o verão e a gente ganhando mais nessa época, já temos algumas vitórias. O problema é quando chega o inverno e temos que procurar mais lucro. Aí a gente se sujeita.

A gente se sujeita: seu Pedro refere-se aos atravessado

res, os que comercializam o peixe diretamente no mercado, os que ficam com a parte do leão. Mas há um indício, pequeno, disperso, contido, de que eles têm consciência desse fato: "Com um frigorífico seria muito diferente", diz seu Pedro. Um frigorífico deles, é claro.

AS CONTRADIÇÕES DE UM LÍDER SINDICAL

A Colônia de Pescadores Z-11 existe desde 1964, tendo sido criada com a "revolução democrática", como diz seu atual presidente, Nildo Severino. Em 1976, Nildo foi convidado a participar da Junta Governativa da Colônia e deixou bem claro seu compromisso de não ser nomeado mas sim efetuar eleições, como exigem os estatutos de todas as colônias existentes no Brasil. Assim, foi nomeado, atuando como secretário por 12 meses.

A partir daí, Nildo revela ter começado a "organizar" os pescadores, que pensavam ser a eleição um "bicho de sete cabeças". Como não poderia deixar de ser, realizou as eleições em 1977, "com voto secreto, depositado em urnas". Foi eleito novamente secretário, desta vez pelo voto popular. Em 1979, realizou-se a segunda eleição, com Nildo fazendo uma "espécie de Oposição" dentro do agora Sindicato - transformaram a Colônia, por decreto, em Sindicato - , quando então conseguiu eleger-se presidente pela primeira vez.

Parece ter gostado da "política profissional". Fez nova eleição em 1981 e se perpetuou, definitivamente, no cargo. Mas ele não se considera um "pelego". Para comprovar sua tese, lida com números e diz que há participação: "Na primeira eleição, votaram cer ca de 300 pescadores. Na segunda, o número subiu para quase mil. E na última, houve participação de três mil operários da pesca".

Mas será que simplesmente votar significa participa



ção numa organização de classe? Outras experiências sindicais provam o contrário. Feliz, Nildo revela que na chapa vencedora que agora está na diretoria - eleita seguindo determinações expresas da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (Sudepe) -, há "uma gama variada de pessoas, de todos os partidos políticos".

Mas Severino preside com mão-de-ferro. "Só não participa quem não quer", sublinha em tom enérgico. "É muito fácil criticar sem trabalhar", diz, como que relembando os slogans da campanha do partido político que defendeu durante as eleições de 15 de novembro. Para eleger um presidente de Sindicato dos Pescadores, um edital "convocando" a classe é publicado em todos os jornais e divulgado nos demais meios de comunicação.

#### CAPATAZIAS

Nas comunidades pesqueiras, há uma instância do Sindicato que se chama capatazia. Ali, antes das eleições para novas diretorias, são feitas reuniões onde os pescadores ficam sabendo em quem devem votar. A maioria dos pescadores - diz Nildo - "preguiçosamente não vêm". O presidente atual tem posições curiosas no que se refere às eleições: "Poderei sair novamente presidente se o Governo quiser e estiver disposto a auxiliar, mesmo, os pequenos".

Felizmente para ele, o Governo continua nas mãos do PDS, com o qual tem um "bom trânsito" e lida com facilidades: "Tenho que exigir e cobrar alguma coisa para os pescadores, a tal ponto de eu

ter que me filiar ao PDS para mostrar a essa gente que não sou Oposição ao Governo". O comportamento é típico: "O Governo nos apóia e eu bato palmas, nos fere e brigo com ele".

#### O PP RESISTE

Explicando tudo, afirma que quando entra no Sindicato só tem um partido, o PP. Trata-se do Partido dos Pescadores, que "não é político mas de trabalhadores". A rima ficou bonita mas ninguém tem apoio sem dar algo em troca. Nildo desmente: "Não houve exigências, nunca. Eu, como cidadão, dei força ao meu partido político mas, cruzando aquela porta (aponta para a entrada do Sindicato) eu passo a ser o Nildo-presidente".

Mas Severino é um pescador e exerce influência sobre seus sindicalizados. Para se ter uma idéia da força do PDS na Barra da Lagoa, por exemplo, basta citar algumas frases de pescadores sobre o candidato ao Governo Esperidião Amin: "Ele é um homem que faz benefício, fez a estrada. Olhólhólhó - é um homem bom, que trabalha. Ele nunca sai daqui". E sobre Jaison Barreto, candidato do PMDB: um seco "ele nunca me fez mal", garganta com farinha e peixe. Os demais partidos: "Nós não conhecemos ninguém".

Como conseguir essa força? Os pescadores têm assistência jurídica, médica e odontológica, mesmo com a desestruturada arrecadação do Sindicato. Isso porque a maioria das empresas pesqueiras deveria recolher sua contribuição mas não o faz. Nildo observa que a

quantia anual cobrada dos sindicalizados "por tudo isso", é menos que a metade da contribuição paga à Previdência Social, mensalmente.

Se orgulha em dizer que o atendimento diário dado aos pescadores é melhor que o previdenciário. "Não queremos placas de bronze por isso", sublinha em tom satisfeito. É claro que ninguém pode chamar Severino de mal intencionado. Na realidade, ele é apenas mais um operário da pesca sem consciência de que está sendo usado politicamente, pela força que possui entre seus "companheiros de ofício". Prova disso é, também, o resultado das eleições na Barra da Lagoa, quando o PDS saiu vitorioso com uma larga margem de votos sobre os demais partidos.

#### TROCA DE FAVORES

A questão política entre os pescadores artesanais é muito especial: eles exigiram obras e o Governo as deu. A retribuição veio com as eleições. Os líderes da comunidade da Barra da Lagoa, por exemplo, atuam decisivamente nessas questões. Seu Marinho é um ~~deles~~ deles: um pescador antigo que encabeçou o grupo de exigência para construção do molhe. Após a conquista, participou ativamente da campanha do PDS. Onde deveria haver exigência, reivindicação - por um lado - e cumprimento do dever - por outro - há não mais do que uma troca, no bom estilo feudal.

PROBLEMAS LEGAIS ENTRAVAM

O trabalhador da pesca só recolhe contribuição à Previdência Social quando está "embarcado" numa empresa pesqueira. Inexiste na legislação trabalhista a figura do pescador artesanal, o que torna isso uma reivindicação de classe. Foram "banidos" da Previdência em 1962, sendo que a maioria deles está inscrito como desempregado ou autônomo. Os desempregados contribuem em dobro, através de carnês, sem terem as vantagens das categorias profissionais existentes. Ser autônomo é mais difícil e poucos conseguem isso.

Mesmo "embarcado" numa empresa pesqueira há dificuldades. O pescador tem um salário fictício na carteira profissional, que existe somente para efeitos de recolhimento das obrigações sociais. Mas nunca recebe nada do que está escrito na carteira e sim pela produção. Alguns empresários da pesca fazem pior: retiram a contribuição à Previdência para si, do salário dos pescadores ganho com a produção.

Além do dinheiro destinado ao INAMPS, também são recolhidos dois por cento deste salário fictício para o Funrural, sistema onde o pescador é enquadrado. É o que se chama bitributação, um processo trabalhista irreversível: todos pagam. Ainda bem que as empresas pesqueiras só conseguem tirar a contribuição da Previdência, pois na do Funrural não podem tocar.

Desta forma, se os trabalhadores da pesca aguentam "embar

cados" por 30 anos, se aposentam com um salário mínimo lançado na carteira. Se, ao contrário, eles preferirem ficar nas praias praticando a pesca artesanal (somente ela), se aposentam aos 65 anos de idade. E os heróis chegam a pegar os dois tipos de "aposentadoria". Ganham, portanto, um salário mínimo e meio. Mas só depois dos 65 anos a metade do mísero salário, fruto da contribuição ao Funrural, chega.

#### COOPERATIVAS

A solução poderia ser a organização em cooperativas. Mas ela é difícil, devido ao fato de que estas nunca começam de baixo, sendo mal administradas e financiadas por órgãos governamentais, cuja instância maior é a Sudepe. Para conseguir os recursos financeiros necessários à criação de cooperativas, o trabalhador da pesca tem que se submeter às exigências desta autarquia federal, que libera o dinheiro através do Banco Nacional de Crédito Cooperativo. Os operários da pesca, porém, dizem que vão cobrar as promessas feitas pelo PDSx antes das eleições: "Queremos cooperativa".

Hoje dá mais peixe na Barra da Lagoa e quem compra são os "negociantes" Ari (da Pesqueira Pioneira da Costa) e Andriño Adrião de Oliveira. Eles pagam \$ 100 por quilo de tainha-preço da última safra - só para citar um exemplo. Triste ironia: "Se der mais peixe, ele paga menos" frisa seu Marinho, pescador da Barra, ao passo em que surge um questionamento: Se vocês vendessem direto para o Mercado Público não seria melhor? Afinal, a tainha lá custa \$ mil.

Rápidos, os demais pescadores respondem: "Ninguém tem condução para levar. Falta uma cooperativa". Os "negociantes" chegam à praia na hora em que o pescado está vindo do mar e, a partir daí, ocorre um **fenômeno** incrível: pegam o peixe, pesam longe da vista do pescador e estipulam os preços. Não há nenhuma reação nos operários da pesca: todos precisam do dinheiro.

Dizem eles, ainda, que os "negociantes" estão todos combinados com "os homens". No Mercado Público, Ari e Andrino, mais outro "atravessador", detêm o monopólio da venda do pescado. Carlos Roberto Pereira, vendedor da banca número 17, informa que "aqui nós só compramos deles. Ninguém consegue vender para nós, mesmo que o preço seja mais barato. Eles têm um acordo com as bancas".

#### TENDE A PIORAR

A situação tende a se agravar com a eleição da nova diretoria do Sindicato, prevista para o segundo semestre de 1983. Os empresários da pesca já estão se articulando para a formação de chapas pois perceberam, segundo Nildo Severino, que "a gente estava começando a incomodar, com ações trabalhistas contra eles. Nós ganhamos todas e agora, estamos na iminência de fazer um dissídio coletivo, para impedir a exploração na contabilização do que é produzido pelos pescadores". Nesse ponto, o presidente do Sindicato esquece seu partido e atua ferozmente contra os que denomina "tubarões", "pajés da pesca". Muito estranho: vota primeiro no PDS. E depois atua contra quem?

A BARRA DA LAGOA E SUAS HISTÓRIAS



"Amigos peço licença - Para umas linhas escrever - da morte de três amigos - a quem não posso esquecer - Vou contar tudo em verso - para o povo assim saber". Barra da Lagoa, distrito da Lagoa (que engloba outras seis localidades), ano de 1982, entre os meses de setembro e outubro. "Pescaria não dá mais para viver. Eu trabalho em outro lugar, como pedreiro", afirma Seu Francisco da Silveira - "seu Chico" - um dos 600 pescadores daquela comunidade de pesca.

- Já eu me aposentei, mas pelo tempo de serviço de pesca, no INPS, com carteira assinada e tudo", acrescenta Seu Marinho João da Silva, que trabalhou "embarcado" por 35 anos e tem, agora, quase 60 anos. Ele fala com ênfase da carteira assinada, como que para se vangloriar em relação a seus companheiros, reunidos em torno de uma grande mesa próxima às baleeiras. Muito prosador, seu Marinho revela, rancoroso, quem ganha dinheiro com a pesca: "É o negociante (como denomina os atravessadores), pois o pescador não tem valor para eles".

A linguagem é típica e a cada momento você fica supreso com uma palavra nova surgindo. Seu Chico se intromete, cortando a prosa do companheiro, e diz: "Antes, os peixes eram todos vendidos aos pobres, para a gente das redondezas. Quando dava muito, nós íamos ao Mercado Público "de pé", porque não tinha estrada boa". Aos risos, seu Chico argumenta que "não dava para ir ao Mercado sempre

com um balaios nas costas, até encontrar uma condução. Mas que rapaz esteporzinho! "

Dia 28 de janeiro  
fomos dar uma pescada  
fomos à Lagoa de Dentro  
que a de Fora estava embargada  
13 homens bem contentes  
em quatro canoas embarcados.

Os pescadores artesanais exigiram, na Barra da Lagoa, que o Governo construisse um molhe para acabar com o assoreamento do canal que liga os barcos ao mar. Seu Cantalício diz que "o molhe melhorou a pesca em 100 por cento". E, desconfiado, pergunta se estou falando isso por causa da "votação" - as eleições não haviam, ainda, se realizado naquela época. Tentando explicar, o repórter afirma não ter partido nenhum naquele momento. "Ah, bom! ", diz seu Cantalício. Aliás, falar em política com pescadores da Barra é pedir para não conseguir nada.

#### PESCA RENDE POUCO

Os pescadores da Barra não vivem apenas do ofício que aprend~~er~~ deram com os pais. Nas reuniões, ficou claro que, pelo menos a metade deles já possui outro emprego, geralmente à noite, como caseiro ou vigia noturno. Seu Marinho tem dois filhos : um é da polícia e outro trabalha no BESC, como ele diz em tom chiado que é peculiar aos moradores de comunidades de pesca, de descendentes de açorianos. Já seu Chico tem uma porção de filhos e afirma que a pesca rende pouco:

— A maioria dos meus filhos preferiu estudar no centro da cidade e poucos continuam ajudando o pai. Todos eles têm carteira de pescador da Capitania e costumam dizer que não querem morrer como nós, pescadores e seus pais.

#### SAFRA DA CORVINA

Durante as visitas, corria a safra da corvina, que os pescadores disseram estar dando bastante, um bocado. Por barco, cada um matava até mil quilos  diariamente. "As malhadas dependem do tempo que se gasta, mas cabe nos barcos até esse peso ou um pouco mais", comenta seu Antônio, o mais quieto do grupo de pescadores.

Chegamos na Ponta das Almas  
fizemos rumo ao navio  
ouvimos urro de peixe  
que nos arrepiou de frio  
urro de peixe como aquele  
na Lagoa nunca se viu.

O progresso traz os turistas. E a vinda deles para a Barra "espanta os peixes", confessa Seu Cantalício, que procura, após, se redimir da afirmação: "Mas nós vendemos muito mais caro e sem asfalto não seria assim". Os trabalhadores da pesca têm, no verão, sua época de "vacas gordas". São cerca de três e, no resto, ficam apenas vendendo para os "negociantes". Quando vêm os turistas, eles vendem direto ao consumidor.

#### ILUSÃO DO TURISMO

O verão traz vantagens e desvantagens. Facilita as condições de vendagem e, com o asfalto, fica simples a compra de combustível e de-

mais instrumentos de pesca. Mas com ele chega a especulação imobiliária, que expulsa os operários da pesca de suas praias, local único em que podem conseguir seu sustento. O interessante é que o progresso e a chegada do turista trazem mais dificuldades que ajuda. Afinal, com eles os pescadores moram e comem melhor? A vida ficou mais fácil?

Indeciso, seu Cantalício diz que o "turista traz dinheiro mas nós comemos o de sempre: farinha, peixe e carne, mas esta somente aos domingos, quando dá". E complementa: "Minha casa é de madeira (depois fui conhecer), mas tem televisão, geladeira e muitas outras coisas". As casas dos pescadores são todas, sem exceção, de pessoas pobres, não deixando de ter tudo que é divulgado pela sociedade de consumo.

Antigamente, todos os pescadores tinham sua horta particular e criação de animais. Agora, com a especulação imobiliária chegando para ficar na Barra, está difícil até criar galinhas. Os veranistas conseguiram "comprar" muitos terrenos na comunidade. Afinal, um pedaço de terra cheio de areia não tem o menor valor. A situação poderia ser definida assim: "A especulação imobiliária é o grande câncer da pesca artesanal!" pois surgem propostas astronômicas e tentadoras.

#### OS BARCOS E AS REDES DE PESCA

Os barcos de pescadores da Barra da Lagoa e dos Ingleses, as duas comunidades visitadas, eram anteriormente feitos ali mesmo. "Agora, os barcos são feitos fora. Mas eu faço qualquer um muito melhor que esses aí", afirma seu Antônio, apontando para as embarcações pelas quais estava-

mos cercados. "Esses são feitos no Rio Grande do Sul".

A Capitania dos Portos exige que um carpinteiro naval construa as embarcações. Ou então, os pescadores arrumam um documento falso, assinado pelo carpinteiro, indo depois fazer o registro. As redes, antes, eram de algodão. Com a chegada do nylon, o pescador compra tudo pronto e tem apenas o trabalho de remendar os furos que aparecem com o tempo.

Já vimos muitos problemas. Mas o Governo não se contentou, enquadrando o material de pesca na lista dos produtos supérfluos. Ironia do destino, a rede que alimenta o pescador com salário fictício nas carteiras de trabalho é feita com um produto supérfluo, enquanto o peru que alimenta os ricos não consta desta relação. Desta forma, os trabalhadores da pesca já entram no mar endividados.

Outro dado interessante e cômico: a Capitania dos portos exige, para registro dos barcos a motor, a presença de coletes salva-vidas e extintor de incêndio. Isso para um barco que sai da praia cheio de homens e com redes enormes. E a burocracia funciona bastante na Capitania: fica-se cerca de 30 dias esperando o registro.

#### ANDRINO E OS APARELHO

Pegamos colher a rede  
as canoas já estavam cheias  
olhamos para sueste  
a cousa ficando feia

O que vocês acham do Andrino e da família dele? "São Boas Pes

soas", sustenta maiusculamente Seu Chico, ao passo em que pergunto se são explorados por ele. Chico assume o papel de líder e diz: "Eles têm aparelho de pesca aqui - redes, barcos, botes, tudo que precisa para pescar". Os Andrino pagam aos pescadores para matar peixe. Mas pagam melhor?

- Não, é tudo igual, uma espécie de sociedade sobre o que pescador consegue pegar; o que conseguimos matar por malhada", afirma seu Cantalício. Na realidade, Andrino usa do "benefício" da carteira assinada (com um salário mínimo) para conseguir atrair os pescadores. E paga mais 30 por cento sobre a produção, quantia que é dividida entre todos os integrantes do barco. O mestre ganha mais, pois coordena os trabalhos.

#### OS PESCADORES E O SINDICATO

- Ele não ajuda ninguém, de jeito nenhum", fala seu Cantalício em tom chiado, justificando sua crítica ao presidente do Sindicato, Nildo Severino: "Ele só aparece aqui na hora da eleição. Já foi pescador e agora não é mais". Na verdade, Nildo é pescador apenas nos finais de semana, pois fica todos os outros dias na sede do Sindicato.

Sobre o processo de escolha de seus representantes, os pescadores pouco têm a dizer, pois nada sabem: "Acho que não há eleição, já que eles fazem uma reunião e escolhem tudo", diz seu Marinho. Ao redor, dez companheiros dele estão em total silêncio. Isso não é participação no processo decisório, como defende Severino.

Seu Cantalício é o melhor papo do grupo. Ele discorre sobre o passado, reclamando das dificuldades de pescar nos dias de hoje.

"Falta melhor condição de vida. Os preços de agora estão muito mais caros que os de antes", enfatiza.

### "CAUSOS"

- Já matei Lula de 15 quilos e tainha de 25", conta seu causo o Cantalício, enquanto sente o olhar desconfiado do repórter. E retruca em seguida que posso perguntar ao cumpadre Pedro, "aqui do lado". Este, responde antes: "É verdade", relembrando a Terta, personagem humorístico de Chico Anísio. O pescador Chico faz o papel de visitante do Pantaleão, discordando totalmente de tudo e indo embora. A conversa estava animada e a aguardente de zimbros corria solta. Fez-me parar.

INGLESES : MORRENDO AOS POUCOS



"Caminhamos para terra - todos nossos camaradas - foi quando pegamos o vento - que vinha com trovoadas - Formou-se uma escuridão - que não enxergamos mais nada". Praia dos Ingleses, colônia em extinção de quase 200 pescadores, alguns deles trabalhando durante vários  dias em empresas pesqueiras. Nivaldo, 31 anos só vevendo da pesca, tem mês que ganha bem e outros que não. "Nós ficamos esperando que melhore. De vez dá \$ 200 mil por mês e de outras apenas \$ 20 mil", argumenta.

Quando ele sai mais para longe da costa, mata maior número de peixes. Vou sair daqui da comunidade porque não dá mais", queixa-se. Para ele, antes tudo era mais difícil, apesar da contradição estar presente nas afirmações que se seguem: "Nós saíamos de madrugada para o centro no tempo que eu era pequeno e ajudava meu pai". Nivaldo vem de família com 12 filhos que vivem só da pesca. Uns são casados - afirma - e outros ficam na moita .

Seus irmãos mais novos estão contudo, com outros empregos em Florianópolis e outras cidades próximas. Em Ingleses, o fenômeno de desaparecimento da pesca é mais intenso. Falando do passado, Nivaldo cita um problema: "Antes, nós tínhamos aparelhos ruins".

Remem todos com coragem  
não quero que sejam covardes  
quero que todos façam força  
para varar a tempestade.  
Deus marcou para esta hora  
não pôde chegar mais tarde

Denômio dos Santos começou com 15 anos no ofício e está

agora com 61, outubro/novembro de 1982. "De dez anos para cá, eu tenho um comércio e só um filho continua pescando comigo. Uns 30 anos atrás a gente ia lá e trazia, pelo menos, três barcos totalmente cheios de peixe", comenta o velho pescador aponta para o mar.

#### DESPREOCUPAÇÃO ECOLÓGICA

Segundo Denômio, "aqui perto é muito explorado pelos barcos de pesqueiras. Eles também jogam muito peixe fora e nós não fazemos isso. O que sobra do arrastão é tudo enterrado. Mas só sobra quando ninguém vem pegar, diz. Essa afirmação partiu dele devido a uma pergunta sobre a preocupação ecológica dos pescadores artesanais, no que se refere à depredação da natureza. Ele justifica novamente: "Nós não pegamos peixes pequenos. Se eles vêm nas redes, nós bem que tentamos soltar".

Os trabalhadores da pesca, quando chegam do mar, trazem nas redes uma infinidade de peixes minúsculos que acabam morrendo nas praias. Na realidade, a preocupação ecológica inexistente entre os pescadores e essa é uma questão séria. Como se diz na gíria deles, "são os cavacos do ofício". Por exemplo, a penicilina foi uma grande descoberta. Mas ela, ao matar os germes, acaba também com uma série de anti-corpos que defendem o organismo humano. A rede do pescador tem dessas coisas: todo peixe que vier dar à praia já está morto. Se o pescador jogá-lo no mar, ele não mais sobreviverá.

É o processo que os pescadores denominam erroneamente morte

necessária. Quando um pequeno peixe entra nas malhas de uma rede, ao chegar à praia ou até antes, já está completamente asfixiado. Há um órgão de fiscalização do tamanho das malhas, chamado Instituto de Pesquisa e Extensão da Pesca(IPEP) - existem na Ilha de Santa Catarina apenas dois fiscais para muitas comunidades. É impossível impedir a morte desses peixinhos.

Mais um ponto: os operários da pesca estão conscientes disso. A única força que fazem para mudar é soltar alguns antes da chegada à terra. Mas isso não pode ocorrer quando há arrastões. O velho pescador Denômio sai para o mar. Busca o pão de cada dia.

A SOLUÇÃO É ORGANIZAR PELA BASE

"A canoa que vinha na frente, foi a tal que virou/quatro que vinham embarcados, só um que se salvou/ Não morreu por um motivo, por ser muito nadador". Os outros três pescadores vieram dar à praia depois. Os sobreviventes chegaram à terra vivos mas nela encontrarão a morte lenta e gradual que o progresso causa ao pescador artesanal. O autor dos versos é o pescador Garcez, do Canto da Lagoa, um dos distritos da Lagoa.

Inglese também faz parte da Colônia Z-11, transformada por decreto em Sindicato. Qual o caminho para solucionar ou minorar todos os problemas apontados? Talvez uma resposta, extraída da teoria

- A organização é, ao mesmo tempo, o resultado e a condição de um processo de acumulação de força. Ela não deve ser rígida mas sim dinâmica, para permitir os efeitos da propagação de idéias. A organização cria os meios de propagação essenciais aos movimentos coletivos. Só ela permite dinamizar as forças que surgem e se acumulam, para fazer face às dificuldades de ação. Sem organização essas forças se perdem, se dispersam".

Essas idéias foram levadas a todos os pescadores com quem o repórter se encontrou, nas duas comunidades. Também ao presidente do Sindicato dos Pescadores, Nildo Severino, levou-se a discussão. Ele simplesmente defendeu sua tese de que a classe era consciente e organizada. Com as comunidades, tudo foi discutido e o repórter espera ter deixado uma boa contribuição. De concreto, resta a felicidade de ter ouvido que os pescadores vão cobrar as promessas feitas.

Recordo de uma frase que marcou muito durante as visitas: "Os tubarões pensam que vão nos comer. Mas somos nós que vamos saborear muito peixe, ainda". Nas águas revoltas da pesca artesanal, ~~há~~ há mais tubarões do que se imagina. E as comunidades pesqueiras só podem enfrentá-los organizadas.

#### RESULTADOS DA DISCUSSÃO

Seu Cantalício acha que "a organização dos pescadores para cobrar as promessas do Governo é importante: nós vamos fazer isso". Seu Marinho sustenta sua tese de necessidade de formação de "um frigorífico" - cooperativa em sua linguagem - , "para acabar com a dependência dos pescadores". Seu Antônio acredita que a "resposta à má administração do Sindicato vai ser dada na próxima eleição". Todos foram unânimes em afirmar que "devemos participar, organizados, das discussões, para que eles não tentem enganar os pescadores".

Já seu Cantalício acredita que a pescaria só terá solução na Barra da Lagoa e na Ilha quando "as autoridades pensarem igual aos pescadores". Relembra um episódio interessante: a Festa da Tainha, na Barra da Lagoa, foi realizada depois que passou a "safra" deste peixe. Moral da história: a tainha teve que ser trazida do Rio Grande do Sul. Simples, direta, seca como garganta com farinha de peixe. Sim, a realidade. Quem pode tentar alterá-la? Os pescadores organizados e não "aqueles que trabalham", do PDS ou de qualquer outro partido alheio a seus interesses.

ΣC

ΣC